



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA APEE

GERAÇÃO EUROPEIA

A segunda edição desta revista não poderia surgir numa época mais oportuna: a União Europeia atravessa um dos momentos mais incertos e turbulentos desde a sua fundação.

O futuro é incerto e as instituições estão sob pressão. A eleição de Donald Trump certamente obrigará a alterações no desenho de segurança e defesa da UE e das relações económicas transatlânticas. A liderança de Tayyip Erdogan na Turquia e de Vladimir Putin na Rússia constituem também um desafio, um novo paradigma nas Relações Internacionais. Francis Fukuyama estava efetivamente errado ao declarar o “fim da história” em 1992.

Os novos agentes internacionais assumem posições de tensão para a UE. Os sucessivos erros na resolução de conflitos internacionais têm vindo a descredibilizar a NATO, e a gerar divergências entre os Estados-membros da UE.

A Europa das nações tem vindo a destacar-se em relação à UE, pois as instituições europeias têm vindo a perder o apoio popular devido à falta de instrumentos necessários para resolver a crise económica e financeira que se arrasta nos países europeus. As lideranças tecnocráticas nas instituições e as diferentes identidades culturais entre os povos têm vindo a dificultar o avanço do projeto europeu.

Os novos atores globais influenciam, mas a maior tensão é certamente interna: a falta de confiança no projeto europeu que deu origem ao Brexit e aos populismos emergentes entre os vários estados Estados-membros é consequência da dinâmica interna da UE. Estamos a aproximar-nos do maior teste ao sentimento popular europeu, as eleições em França que podem eleger Le Pen. Faltam também poucos dias

para as eleições que podem dar a vitória a um presidente de extrema-direita na Áustria, e para o referendo que pode conduzir uma das potências económicas da Europa à saída da UE, a Itália.

A emergência dos populismos também se verifica na Holanda, Alemanha e Finlândia e a aliança de *Visegrád*, que tem passado despercebida, mas se bem observada, revela a fraqueza institucional no expoente máximo, a aceitação de políticas nacionalistas que não convergem com os valores fundamentais do projeto europeu. Hungria e Polónia, dois casos gritantes.

Sabemos que o cenário não é otimista, mas enquanto jovens e pró-europeístas acreditamos que é parte da nossa missão lutar pela integração, pois sabemos que um futuro próspero só é possível com uma Europa unida e solidária.

Cada vez mais temos de nos consciencializar de que passa por nós, portugueses, a missão de manter o equilíbrio na Europa, ao contrário de outros Estados-membros, onde as derivas populistas surgem consecutivamente. Por cá, seja no associativismo juvenil, nos municípios, instituições académicas e governamentais, etc., cada vez mais afirmamos orgulhosamente os princípios fundadores.

Temos motivos para estar orgulhosos pela nossa postura humanista, com “gratidão e humildade”, citando António Guterres, aquando do seu discurso de agradecimento após ter sido eleito Secretário-geral da ONU este ano, conseguiremos recuperar a política nobre da justiça, da dignidade e da liberdade dentro do espaço europeu.

“A crise consiste precisamente no fato de que o velho está a morrer e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece.” Antonio Gramsci

António Santos
Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Europeus